

# **METANOIA**

## **A Ópera Eletrónica**

### **Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

*a Estela Guedes,*

*Nina Colosi e*

*Joaquim José Pereira Ruivo*

*O momento é crítico, pois marca o começo da segunda metade da vida, quando uma metanóia, uma transformação mental, não raramente ocorre.*

*Carl Gustav Jung*

Metanoia, palavra surgida das expressões Gregas *meta* e *nous*, poderia ser traduzida livremente como "para além do pensamento". Ela significa "mudar de ideias", no sentido de mudar um antigo hábito de pensamento.

O cristianismo adotou a palavra como indicação de "arrependimento" e conseqüente conscientização ou, em outras palavras, como mudança de ideias.

Pela primeira vez na história do planeta Terra não existe mais um único lugar em todo o mundo sem a presença humana.

Quando não eram reação a um ataque, as guerras, na forma de *bellum* ou de *werra*, sempre tiveram como objetivo conquistar território e escravizar pessoas. Isso não é mais possível, porque a escravização foi transformada em mercado. Aliás, não é mais sequer imaginável a invasão de um país e a escravização do seu povo no sentido antigo.

A guerra se tornou brutal devastação, que afeta o planeta como um todo.

Quando estudamos a história da Primeira Guerra Mundial, que aconteceu entre 1914 e 1918, vemos com clareza que as suas raízes estão na mais profunda estupidez humana. Um dos signos dessa estupidez, estampado com notável limpidez nas páginas da história, foi a falta e até mesmo a recusa de comunicação! Não ouvir o outro, não reconhecer a história, não amar filosofia ou arte. É verdadeiramente impressionante! Aquela guerra terrível e devastadora foi a origem da Segunda Guerra Mundial, que aconteceu entre 1939 e 1945. Juntas significaram a morte de mais de oitenta milhões de pessoas.

O Mosteiro da Batalha, de 1385, classificado como Património da Humanidade pela UNESCO, é um dos mais magníficos exemplos de arquitetura Gótica flamejante e foi edificado para celebrar a paz, o fim de uma guerra terrível, marco para uma mudança de pensamento.

Metanoia foi composta ao longo de vários meses. Trata-se de uma espécie de ópera eletrónica, em três movimentos.

O primeiro movimento do concerto / ópera eletrónica foi elaborado a partir de uma imagem do mais profundo Universo, realizada pelo telescópio Hubble, da NASA, em 2004 - o *Hubble Ultra Deep Field*. Essa é a imagem mais distante que temos do Universo, quando as galáxias começaram a se formar. Esse primeiro movimento musical é um solo de violoncelo dedicado a Audrey Riley, grande violoncelista e querida amiga.

O segundo movimento é dividido em dois grandes setores paralelos: a música e filmes. São sete filmes, elaborados com imagens da história da arte, com as faces de grandes personagens no meu projeto fotográfico *Souls*, iniciado em 1972, e com algumas referências aos primeiros tempos do cinema. Cada um desses elementos é uma face do que chamamos vulgarmente de "civilização".

A palavra "paz" lança as suas antigas raízes etimológicas na expressão Indo-Europeia - conjunto linguístico pré-histórico desaparecido há cerca de vinte mil anos - *\*pag*, que indicava a ideia de "unir", de onde também nasceu a palavra "pacto".

Na guerra não há arte, poesia ou filosofia. A guerra, em qualquer das suas formas, é o não humano por excelência.

Esses sete filmes incluem fragmentos dos poemas de Fernando Pessoa, de 1918, final da Primeira Grande Guerra, e 1930, pouco antes de morrer. Mas, os seus textos poéticos são lidos em silêncio por cada pessoa, como o texto da uma ópera para vozes interiores.

A música neste segundo movimento é fundamentalmente de carácter eletrónico - mas, contendo referências subliminares, na estruturação lógica dos sons, a Claudio Monteverdi, Joseph Haydn, Wolfgang Amadeus Mozart, Piotr Ilitch Tchaikovsky, Richard Wagner, Gustav Mahler e Béla Bartók.

Somos aquilo que conhecemos - e o que conhecemos não nos pertence.

Assim, enquanto que o primeiro movimento acontece na fabulosa nave central do Mosteiro; o segundo é uma viagem pela história humana no não menos fabuloso Claustro Real, como uma espécie de labirinto de espelhos cuja totalidade nunca pode ser alcançada.

O público caminha e investiga o lugar, tornando-se, cada pessoa, num personagem da ópera, vivendo um cenário em contínua transformação, como a vida.

Finalmente, o terceiro movimento é elaborado sobre uma peça de Maurice Ravel e é dedicado à soprano Laetitia Grimaldi, também grande cantora lírica e querida amiga. Aqui, a obra de Ravel é "explodida" e reorganizada através de instrumentos de Inteligência Artificial passando a constituir um sistema paratático, isto é, organizado por coordenação.

O texto do terceiro movimento é constituído pelos fonemas que compõe a palavra "paz" em trinta e cinco línguas. Esses fonemas são distribuídos com o uso de recursos estocásticos.

Um canto profundo, um sonho.

Metanoia é um convite a uma viagem, a um profundo mergulho numa reflexão de cada um de nós.

Metanoia também está associada ao *The New Art Fest* em Lisboa, movimento de arte criado por António Cerveira Pinto.

Essa ópera eletrónica, parte das celebrações do fim da Primeira Guerra Mundial, também acontece, em simultâneo, no *Streaming Museum* de Nova York, criado por Nina Colosi em 2008, alcançando milhões de pessoas nos sete continentes em espaços públicos, em centros culturais e comerciais e também na Internet.

No final do concerto/ópera eletrónica, como signo da antiga palavra pré-histórica \**pag*, são servidos pães, queijos, vinhos e azeite. Teremos ainda a distribuição gratuita de um cartaz histórico sobre a ópera eletrónica.

# **METANOIA**

## **O Poema**

**Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

*Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, saciedade e fome.*

*Heráclito*

*Toda a grande arte é uma forma de reclamação.*

*John Cage*

Nos anos 1980 eu tinha uma amiga que pertencia ao universo ainda Jugoslavo. Era diretora de um importante centro cultural em Belgrado. Era muito simpática e rapidamente ficamos amigos. Ela era uma pessoa alegre e afectuosa. Brincava todo o tempo. Ríamos muito.

Eu a conheci quando trabalhava como um dos coordenadores do primeiro festival de vídeo arte e arte eletrónica do mundo, em Locarno, Suíça, criados por René Berger e Rinaldo Bianda.

Creio que aqueles festivais - que também incluíam um importante simpósio de arte, filosofia e ciência - foi um dos acontecimentos mais fabulosos do seu tempo. Fui um dos coordenadores ao longo de dez anos. Todos os anos participavam personalidades como Nan June Paik, Francis Ford Coppola, Daniel Charles, Pierre Restany, Edgar Morin, Bill Viola ou Basarab Nicolescu entre outros. Foi lá que fizemos, em paralelo ao CERN, a apresentação da www com Tim Berners-Lee e Robert Cailliau nos primeiros dias de 1990. Foi lá que nasceu, de facto, a transdisciplinaridade.

O ambiente era de grande liberdade e livre participação. Centenas de pessoas lá chegavam, especialmente jovens, vindos de todo o mundo. Para além dos festivais de vídeo arte e de arte eletrónica, com obras projetadas sobre gigantescas superfícies ou dezenas de écrans, havia instalações, esculturas, obras espalhadas pela cidade. As pessoas eram livres. Cada um assistia ou participava no que preferia.

Assim, aquele momento era de confraternização, de amor entre as pessoas.

Um ambiente da mais profunda paz.

Creio que foi em 1990 quando tive um novo e muito especial encontro com minha amiga Jugoslava. Ela estava dramaticamente transformada. Tinha subitamente envelhecido muitos anos. Quase não conseguia dormir. Almoçamos e conversamos longamente. Ela contou que o seu país estava dividido. As pessoas passaram a se odiar, independentemente do que tivessem feito e até mesmo das suas ideias.

Era um ódio inexplicável.

Ela era Croata, seu marido era Sérvio. Rapidamente, ele passou a sentir uma verdadeira repulsa em relação a ela - apenas porque ela era Croata! Até mesmo conversar passou a ser impossível. Sem compreender o que se passava, ela o procurava para tentar perceber o que estava acontecendo. Mas, ele não conseguia explicar. Não havia qualquer possibilidade de diálogo.

Um ano mais tarde, explodia a guerra entre a Croácia e o Exército Popular da Jugoslávia. Pouco depois, a guerra - que se propagaria de 1991 a 1995 com milhares de mortos - seria transformada na Guerra de Independência da Croácia.

Logo, soube que o marido tinha desaparecido. Pelo que compreendi, cheio de ódio. Ela também já não mais o podia ver. Tinham uma filha adolescente, que devia de ser desesperadamente salva da guerra. Luciana e eu começamos a fazer contactos em toda a Europa até encontrar um lugar para a menina. Depois de alguns dias, conseguimos!

Depois daquele momento eu só viria a me encontrar com aquela querida amiga anos mais tarde. Já não era a mesma pessoa. Parecia que não me conhecia mais.

Comecei a trabalhar com a Baronesa Lucrezia De Domizio Durini em projetos comuns, especialmente em Itália, naquele ano de 1990. A guerra da Croácia foi se tornando cada vez mais terrível. As notícias eram assustadoras.

Assim, creio que em 1995, Lucrezia De Domizio decidiu criar um movimento de artistas para vender obras de arte em leilão e ajudar, através de uma organização credível, as crianças vítimas da guerra. Participei e colaborei intensamente nesse projeto.

Soube então que Slobodan Milošević tinha cercado Sarajevo com canhões e atiradores de elite, matando indiscriminadamente homens, mulheres e crianças, de qualquer idade.

Quando a guerra acabou, participei na criação do museu ARS AEVI em Sarajevo, que teve projeto arquitetônico de Renzo Piano.

Finalmente, muitos anos depois, reencontrei aquela amiga. Estava bem mais velha, por dentro e por fora. Tinha um semblante permanentemente triste, como se a vida tivesse perdido o sentido. Como se viver tivesse se revelado apenas enquanto obrigação biológica.

Depois desse momento, perdemo-nos novamente.

Aquela experiência marcou o meu espírito.

O que antecedeu a guerra foi uma profunda divisão entre as pessoas.

Tinha acabado a *doxa*, o diálogo, um duplo *logos*.

A raiz etimológica da palavra "diálogo" nos indica o sentido de "entre" ou "através" de pensamentos, falas - e implica, com clareza, a ideia de um *duplo logos*.

Quando acontece aquela profunda divisão entre as pessoas, de natureza étnica, racial, ideológica ou outra, não há diálogo possível.

As pessoas ficam cegas. Paralisadas. Para qualquer dos lados, o Outro é monstruoso.

Tal aconteceu na Alemanha nazi, na Itália fascista, nos processos de *apartheid* Sul Africano ou Norte Americano, entre partidos políticos e assim por diante.

Isso acontece de forma muito semelhante em sociedades de guetos.

E tem acontecido ao longo dos séculos.

Como mostrado por Rodney William Stark, sociólogo americano da religião, em seus primórdios, há cerca de dois mil anos, os cristãos estabeleceram grupos fortemente fechados através da consistência interna e da estigmatização do Outro - que raramente é um processo racional. Ou seja, mesmo quando um novo grupo propõe absurdos, eles podem ser facilmente aceites e abraçados dependendo do poder de coerência do grupo e do grau de estigmatização imposto ao Outro.

Quando isso acontece, a formação de grupos fechados é intensamente fortalecida e amplificada.

Não mais se trata de uma simples questão de identidade - a pessoa pode ou não ter vínculos de identidade com o grupo, ou seja: ela pode ou não concordar com possíveis absurdos propostos pelo grupo. Mesmo quando os absurdos são evidentes, ela facilmente participará nele. A chave estará no grau de fiabilidade interna e no grau de estigmatização do Outro.

Essas duas condições-chave fazem com que o processo vá para além

da volição pessoal ou até mesmo da crença. Torna-se um processo poderoso, semelhante a uma reação química, muitas vezes para muito além da consciência da pessoa.

Ela aceita participar no grupo, mesmo se em outras situações não o tivesse feito por discordar com os seus propósitos, muitas vezes sem se dar conta de como tal agregação ao grupo aconteceu.

Com essas duas condições-chave, as pessoas ficam tão enfurecidas que não há possibilidade de considerar racionalmente o Outro.

Numa mesma cidade, grupos étnicos, raciais ou ideológicos podem se odiar.

Nesses casos, vê-se até mesmo pessoas mentindo para si próprias ou a outros no ataque heróico contra quem, fora do grupo, seria pretensamente monstruoso.

Muitas vezes um irracional "vale-tudo" passa a dominar as ações das pessoas.

Trata-se de um profundo fenómeno social. Tão profundo que muitas vezes é considerado simplesmente como "natural".

Tantas vezes fazemos, ao longo das nossas vidas, referências a Eros e a Tanatos - à vida, à atração sexual, ao amor, a Eros que gerou a nossa palavra "erótico"; e a Tanatos, sendo a morte, a aniquilação da vida.

Hesíodo contava que Tanatos tinha nascido da Noite e da Escuridão, e que era irmão gémeo de Hypnos, tal como também nos conta Homero na *Ilíada*.

Eros e Tanatos eram deuses do amor e da morte.

Na sua *Teogonia*, Hesíodo relata um momento especialmente revelador acerca dos deuses Hypnos e Tanatos: "E lá os filhos da noite escura têm suas moradas, Sono e Morte, deuses terríveis. O Sol brilhante nunca os vê com seus raios, nem quando sobe ao céu, nem quando desce do céu. E o primeiro deles vagueia pacificamente pela terra e pelas costas largas do mar e é gentil com as pessoas; mas o outro tem um coração de ferro, e seu espírito dentro dele é impiedoso como o bronze: qualquer pessoas por ele tomada, mesmo uma única vez, é firmemente presa: e ele é odioso até mesmo para os deuses imortais".

A palavra "tanatos" surge do Grego "thanatos" que significava "morte". Por sua vez, ela surgiu do Indo-Europeu \**dhwene*, que indicava a ideia de "desaparecimento", de "morte". O Sânscrito *dhvantah*, que nasce da mesma raiz, significa "escuro", "sem luz".

O horror ao Outro é o horror à morte. O Outro é desconhecido ou, por

vezes, tornado intencionalmente desconhecido.

Os Sérvios e os Croatas passaram a se considerar uns a representação da morte dos outros. Tornaram-se reciprocamente desconhecidos.

Por vezes, as brutais ações de um grupo produzem essa sensação de morte, como fizeram os nazis. Os terrores por eles perpetrados foram tais que provocaram um sentimento de horror a nível planetário. Por outro lado, muitos dos seguidores nazis acreditavam no absurdo segundo o qual todo o mundo era uma ameaça de morte para aquilo que acreditavam ser.

Uma criança chora com a escuridão e tem horror a ela. A escuridão é a não informação, o vazio. O vazio é a anti-informação e, portanto, a entropia, a morte.

Tal como a criança chora aterrorizada diante da escuridão, por vezes o adulto odeia, também aterrorizado, o Outro, sem informação ou como resposta a uma sobrecarga de informação.

Quando há a sobrecarga de informação, emerge um bloqueio e o Outro se torna, tal como o desconhecido, incondicionalmente inaceitável.

Isto é: o vazio ou a sobrecarga de informação provocam uma espécie de bloqueio e a pessoa sente um horror, uma aversão, como forma de proteção da sua espécie, pois se trata de algo que não conhece - pela falta ou pelo excesso.

Excesso de informação também é zero informação.

Por isso, tantas vezes, um herói se torna imensamente popular para em seguida ser odiado.

Quando estudamos as origens da Primeira Guerra Mundial chegamos facilmente à conclusão de que ela, tal como também a Segunda Grande Guerra, foi resultado de uma grande estupidez, de uma ausência de pensamento - como, num contexto completamente diferente, foi dito por Hannah Arendt.

É violentamente impressionante percebermos a extensão da estupidez generalizada que desencadeou dois dos mais sangrentos conflitos da história humana.

Tal estupidez não é, jamais, uma desculpabilização do crime, uma diminuição da responsabilidade. Ao contrário!

Essa estupidez acontece como um bloqueio imaginário, de natureza preconceituosa. Mesmo sendo bloqueio, não elimina a consciência, a responsabilidade e a volição.

Há o bloqueio, mas a pessoa sabe e tem instrumentos suficientes para



decidir.

Esse processo acontece em variados níveis.

Em 1921, Sigmund Freud publicava *Group Psychology and the Analysis of the Ego*, onde dizia: "O mesmo ocorre quando as pessoas se reúnem em unidades maiores. Todas as vezes que duas famílias se tornam ligadas por um casamento, cada uma delas passa a se considerar superior ou melhor ao nascimento do que a outra. Entre duas cidades vizinhas, cada uma delas é a rival mais ciumenta da outra; cada pequeno cantão despreza os outros. Raças intimamente relacionadas mantêm as suas relações controladas; o Alemão do sul não pode suportar o Alemão do norte, o Inglês lança todo tipo de manifestações de aversão sobre o Escocês, o Espanhol despreza os Portugueses. Já não deixamos de ficar espantados pelo facto de que diferenças maiores devam levar a uma repugnância quase insuperável, como o povo Gaulês sente pelo Alemão, o ariano pelo semita e as raças brancas pelos negros".

Tal aversão é um mecanismo de sobrevivência do grupo e da pessoa. Ela apenas pode ser relativamente atenuada com a intensificação do setor neuronal pré-frontal, responsável pela nossa capacidade de reflexão e de relativização. Essa intensificação acontece particularmente com o exercício de leitura de livros - com o alfabeto fonético associado a um meio leve e flexível como o papel, como tenho escrito ao longo de muitos anos. Apesar disso, vimos o que aconteceu na Europa nas duas devastadoras guerras mundiais.

O nível de alfabetização na Alemanha do início da Primeira Guerra Mundial era de 99%, e nem assim o ódio foi menor.

"...quando um grupo é formado toda a sua intolerância desaparece, temporária ou permanentemente, dentro do grupo", continuava Freud.

Assim, em paralelo à intensificação da capacidade de reflexão, de distanciamento e de relativização, a identidade e a formação de dinâmicos grupos abertos parecem ser essenciais.

Qualquer tipo de isolamento, ideológico, religioso, racial ou étnico produz esse mecanismo de sobrevivência gerando o ódio ao Outro.

Quando um tal isolamento acontece, há a imediata tendência para o aumento da consistência interna do grupo - independentemente da bondade das suas propostas e objectivos - e uma intensificação da estigmatização do Outro.

A União Europeia e até mesmo os Estados Unidos são exemplos de como a integração e a identidade comum são essenciais contra esse fenómeno biológico.

Quando grupos se fecham, ódios surgem.

De uma forma ou de outra, tudo isso está diretamente relacionado à consciência.

Etimologicamente, a palavra "metanoia" significa "para além do pensamento".

Isto é, somente quando nos distanciamos, quando nos colocamos para além de algo, podemos ter consciência desse algo - pois apenas a diferença produz a consciência.

Dessa forma, num sentido mais profundo, metanoia implica o diálogo.

A ópera eletrônica Metanoia foi elaborada como uma reflexão sobre a guerra e, mais importante, para o fim da ideia da guerra.

No mundo do início do século XXI não há mais lugares sem seres humanos, pela primeira vez na história da Humanidade.

As guerras sempre foram um impulso para a eliminação do outro, para a conquista territorial, o saque e / ou para a escravização das pessoas. A escravização foi transformada em mercado e passou a estar em todo o lugar. O saque perdeu o sentido numa sociedade do híper consumo contínuo.

Assim, as guerras se tornaram obsoletas e passaram a ser gigantescos mecanismos de genocídio.

Naturalmente há tipos de guerra contínua, disseminadas muitas vezes até mesmo nas grandes cidades. Em todos os casos, elas nascem do ódio ao Outro, que deve ser eliminado.

Qualquer que seja a sua natureza, a guerra é a ausência do humano. Nela não há mais poesia, arte, filosofia ou diálogo, aprendizado ou amor.

Aquilo que chamamos de conflito armado entre Estados, governos, entre grupos militares, paramilitares, setores sociais, mercenários, milícias ou guerrilheiros têm características lógicas comuns, com um traço típico: a equivalência entrópica entre todas as partes, o radical conflito em termos de dualidade, e uma ausência de uma *terceiridade*, como diria Charles Sanders Peirce, da razão.

Na guerra, não há superação dialética assim como não há interação entre pólos.

Nem dialética, nem Tao.

O que há é jogo de soma zero.

Um tal insolúvel conflito polar - que assistimos tantas vezes em situações pré-revolucionárias, por exemplo, quando não existe diálogo - é de natureza degenerativa, embora aparente ser exatamente o contrário

especialmente para os pertencentes aos respectivos grupos.

Isso não significa dizer que historicamente movimentos de mudança não sejam necessários. E não se trata de fazer julgamentos de valor, de qualquer tipo. Trata-se apenas de um olhar sobre a natureza original do conflito, para as suas raízes.

Também não se trata de negar que existam estratégias de eliminação ou de submissão do Outro, com fins precisos de extorsão e roubo; mas sim de compreender a emergência das aversões, muitas vezes inexplicáveis, pertencentes a um universo de qualidade, ao imaginário, ao que precede o pensamento e que, portanto, pertencem a uma forma muito particular de preconceito.

Aqui começamos a compreender os movimentos sociais mais como processos químicos ao nível lógico do que fenómenos intencionais pertencentes a uma cadeia teleológica.

Trata-se antes de *teleonomia* - quando o próprio processo gera uma estrutura de valores hierárquicos sem obedecer a um encadeamento intencional.

Somos parte desse processo em contínua metamorfose.

Minha amiga era incapaz de perceber o ódio que alimentava aquele que tanto amara e que antes tanto a amara. A razão estava nas suas diferentes origens étnicas. Mais tarde ela diria que, da mesma forma sem grandes explicações, também ela passara a sentir repulsa por ele. Uma repulsa inexplicável para si própria.

O não conhecimento do Outro - através da ausência ou do excesso de informação - gera um sentimento de horror e superioridade - que é paradoxalmente amplificado pelo livro, pela literatura.

Para compreendermos a sociedade oral, que em termos lógicos funciona como uma cebola, um antigo ditado Somali é bastante ilustrativo: *Eu e a minha nação contra o mundo. Eu e o meu clã contra a minha nação. Eu e a minha família contra o clã. Eu e o meu irmão contra a minha família. Eu contra meu irmão.*

A cultura literária redesenha esse processo.

A literatura, através da intensificação funcional do setor neuronal pré-frontal, produz um aumento substancial na acuidade da percepção e reconhecimento do Outro, mas também a emergência de um processo de interiorização.

Quem lê intensamente desencadeia um poderoso mundo interior - produto da intensificação especializada do setor pré-frontal.

Esse "mundo interior" - desenhado pela mudança do tempo de *antes-e-depois* para *passado-presente-e-futuro* - é responsável por aquilo que designamos como Estado de Direito, pela ideia de democracia, de direito ao esquecimento e assim por diante.

Paradoxalmente, esse mesmo "mundo interior" projeta outro efeito - que ilumina a origem das atrocidades da Segunda Guerra Mundial: intensifica o sentido e amplia as dimensões de grupo fechado que, por sua vez, foi ainda mais intensificado pelo aumento do neurotransmissor dopamina criado pelo uso intensivo de anfetaminas ou metanfetaminas como o *Pervitin* - distribuído em larga escala entre a população Alemã pelo regime de Hitler.

O universo de grupos fechados e, portanto, inimigos, é ampliado e intensificado numa sociedade literária e ainda mais através do uso daquelas drogas.

Por outro lado, a rádio, especialmente na Segunda Guerra Mundial, projetou uma unidade num grupo mais alargado, como não acontecia no universo puramente oral. Assim, o ouvido - estabelecendo grupos acusticamente fechados - amplificou-se com a rádio, e a "membrana" social dividindo esses departamentos foi aumentada pela cultura literária e pelo uso intenso de anfetaminas.

O uso intensivo da literatura projeta o Estado de Direito, a ideia de democracia e de liberdade negativa - "o meu direito termina onde começa o seu", que permite a eliminação da tirania. Mas, esse mesmo uso amplifica a emergência de "membranas" sociais, aumentando dramaticamente a possibilidade de grandes conflitos. Trata-se de uma aparente contradição, uma vez que por um lado esse sistema cognitivo aumenta a consciência do Outro e por outro lado estabelece no Outro um inimigo mais radical, tendendo ao absoluto.

Trata-se de uma contradição aparente pois se há o aumento da consciência do Outro, também há uma forte interiorização que fortalece não somente as relações mais próximas, justificando as palavras de Freud: "...quando um grupo é formado toda a sua intolerância desaparece, temporária ou permanentemente, dentro do grupo", como também estabelece a estruturação de grupos isolados, conjuntos "visualmente" definidos em alta resolução, departamentos fechados, bem determinados.

O desaparecimento natural da intolerância dentro do grupo, como indicado por Freud, num processo automático de sobrevivência, ilumina a natureza do processo de fortalecimento de relações internas.

Essa é a natureza do que chamamos vulgarmente de "complexo de superioridade".

Assim, a leitura do alfabeto fonético impresso sobre um meio leve e

flexível como o papel - ou qualquer outra tecnologia cognitiva similar que surja - é fundamental para a emergência do Estado de Direito e dos seus elementos. Mas, igualmente fundamental é a existência arte e da cultura livres, como elementos de eliminação de guetos e de grupos fechados de ódio recíproco.

Trata-se da arte como crítica - revelação - da cultura, no seu *modus operandi*, e a cultura como processo de integração de conhecimento e de auto-conhecimento

Por isso, especialmente a arte - não a chamada "arte de regime", de qualquer tipo - é combatida ferozmente por espíritos autoritários e totalitários.

Desde o início dos anos 1980 tenho trabalhado uma diferente forma de fazer poesia.

Embora haja muito trabalho feito nesse sentido ao longo dos últimos quase quarenta anos, não é algo que eu divulgue com frequência.

Como toda a elaboração, há um método, uma estratégia de elaboração - a poesia é o resultado do processo, de como acontece a sua construção.

Em primeiro lugar, um determinado texto é "explodido" com o uso de operações de acaso, produzindo células fonéticas ou pequenos pacotes de ideias com duas ou três palavras. O texto original pode ou não ser meu.

Em seguida, reorganizo aquelas células também utilizando operações de acaso, criando assim um processo estocástico. Essa nova montagem projeta um sistema organizado parataticamente, por coordenação.

Ou seja, num certo sentido tal como fazemos com as palavras em geral, presentes num dicionário, aqueles pequenos conjuntos de palavras, de fonemas e de letras são reagrupados formando novos significados.

Aqui, tem início o poema enquanto crítica da organização social.

Se até agora, tal como a organização social, a ordem do texto poético - à exceção das poesias concreta, visual e experimental - sempre foi, por excelência, de natureza fortemente predicativa, teleológica, agora, o ambiente - em termos de inteligência - revela uma notável metamorfose.

A organização aberta possibilita ao leitor fazer as mais diferentes leituras, transformando-o num ativo co-criador.

Sempre utilizando operações de acaso, são aplicados às letras, ou conjuntos de letras, diferentes tipos. Normalmente, atribuo sete diferentes tipos, ou formas de letras, a um conjunto de texto. Com a mesma estratégia, estabeleço sete diferentes corpos, ou tamanho das letras, ao texto.

A diferença da forma e do tamanho das letras cria o poema enquanto textura.

Em termos cerebrais, uma vez mais, o poema passa a ativar diferentes setores neuronais, desencadeando um diferente tipo de leitura.

Para além dessas transformações, também estabeleço sobre as letras ou conjuntos de letras três "acidentes": o padrão normal, o negrito e o itálico.

Novamente, essa "pontuação" interfere na leitura do texto.

Assim, o poema não apenas envolve profundamente o leitor por vias diferentes das que aconteciam antes, como estabelece no leitor a figura de um participante ativo, criativo. Por outro lado, projeta um novo tipo de poesia, mais que apenas visual, no sentido dos efeitos tecnológicos ou gráficos, mas envolvendo na sua construção questões neuronais e matemáticas.

O primeiro poema trabalha com fragmentos das obras de Fernando Pessoa entre 1918 - ano que terminou a Primeira Guerra Mundial - e 1930, cinco anos antes da sua morte.

A metacriação utilizando esse material resultou num primeiro poema, que chamei de Metanoia.

Aqueles fragmentos dos poemas de Fernando Pessoa constituíram o texto da minha ópera eletrónica, para vozes interiores, chamada Metanoia, com a primeira audição mundial no mosteiro da Batalha, no dia dezassete de Novembro de 2018.

Desde há muitos anos vários dos meus projetos não se limitam a apenas um meio. Podem ser música, arquitetura, poesia, fotografia, filme ou filosofia simultaneamente, por exemplo. Esse também é o caso da ópera eletrónica Metanoia.

Para além da ópera, é estabelecido uma dimensão especular no poema - que é, pela sua própria natureza primeira, uma reflexão sobre o processo de criação de aversões, operando pelo avesso, através de interações.

Essa rede especular deveria conhecer um novo desdobramento.

Qual é o universo espiritual, o *zeitgeist*, de uma língua? Quando lidamos com dois ou mais idiomas, há uma transição entre diferentes mundos? Quais são os universos imagéticos de dois poetas?

Assim, ainda constricto ao universo Europeu, palco da Primeira Guerra Mundial, mas abraçando desta vez o mundo Anglo-Saxão - tão caro a Fernando Pessoa - tomei um poema de Aldous Huxley - *The Defeat of Youth* - escrito em 1918 como base para a metacriação de um novo desdobramento especular.

Dessa forma, também usando ferramentas operando o acaso, fui estabelecendo a "tradução" do conjunto de fragmentos dos poemas de Fernando Pessoa através do poema de Huxley.

Os fragmentos do poema de Huxley substituíram os fragmentos do metapoema elaborado com fragmentos da obra de Pessoa.

Isto não significa uma comparação entre Pessoa e Huxley. Eles pertencem a diferentes mundos.

Isso tudo me leva a pensar em Sidarta Gautama, o Buda, quando a ele eram atribuídas as seguintes palavras: "Para que alguém tenha boa saúde, para que possa trazer a verdadeira felicidade à família, para que possa trazer paz a todos, é preciso primeiro disciplinar e controlar a própria mente. Se uma pessoa é capaz de controlar a sua mente, ela pode encontrar o caminho para a Iluminação, e toda a sabedoria e virtude virão naturalmente a essa pessoa".

O controlo da mente apenas pode acontecer através da reflexão.

**Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

Batalha, Portugal, 2018

# **METANOIA**

e Fernando Pessoa

**Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

2018



alastor, **ESPÍRITO DA SOLIDÃO**

**EXterior**

**ma**s o caminho

deus

eis *Se*

*biparte*

O que **sou**

**AÉREA PRESENÇA FAZ MEUS SONHOS**

FOI DA **MINHA** infância

**natu**reza absoluta.

se é assim

como o fim de um estrago

do que **meus** peda os

**impr**ecisos

como que **m** sou  
a **sombra** e o  
mais **alheio** sempre  
**eu**

**SEMPRE** entrando  
*no mais fitimo*  
*que afago e busco o que em mim est sonhando*

*que futuro*

e nele e **r**ramos  
não há **estra**da senão  
onde não me posso ver

superior  
de mim na **mesma SOLIDÃO**

**DE** UMA Alma a eu

sou feito só de distância

que saúda os céus e o pó e

tudo aquilo que é

minh'alma que não tem alma

que

**atrav**s de uma n voa

eis-me insensível

ao que vivi

**NADA SOU, NADA POSSO, NADA NÃO SOMOS**

**QUE AGORA**

**EU QUE** vive

*ergo a voz de quanto em mim*

**repele**

**a apar· ncia e o desejo de viver**  
**e a visão bela e horrível do universo**  
**que cada um conhece**

**tudo o quanto sonhei, ou quis, amando**

o abismo o inclui

e forma um vulcão

cuja explosão acabou

sendo teu pensamento

e eu nada, alma

passo a passo, **meus** vãos passos

e a curva novamente volta

ao que uma luz

existo

e falsa ***a teia que tecendo***

***tecido*** de tudo que se teve e se ***foi***

*um outro* **LADO, NEM** **CÔNCAVO** **NEM**

**CONVEXO** À curva da vida

e já não se inibe

no que creio que sou, e sinto; e obtive

ver-me ver que **m fui eu e hoje invisível**

**parece** uma história

o invisível já não **cansaço variado e**

**o mal é haver cons**ciência que

**me tece**

**para eles** que têm

um outro aspecto,

porque, vendo-a, não a vêem

e aí no que me **c**erca a distra <sup>3/0</sup>

tivesse **c** rebro e conhecimento

seria outro

alma

*não sei quantas almas tenho*

**entrelaço?**

**e eu mesmo, eu mesmo,** quanto sem  
passando

**verdade é a CONSCIÊNCIA**

sem saber

**aberto passado**

**CONHECEDOR**

**QUE ME SENTE** difere

nunca me vi

nem **me** achei

com **outros**

continuo e fa o?

em que sombra

o mundo **me espera?**

**mundo** da mente

que pertence a quem sabe

só

posso **eu**

**que**

**DO MAIS** ESCURO

sei

que tudo ilus<sup>3</sup>o

a consci·ncia **é** ainda uma ilusão

é só através de nós e diverso

quando canto o **que não minto**

**e choro** o que sucedeu

**é que** esqueci o que sinto

olhando-me com *insist. ncia*

o qu. *inscient***e**, *no sil. ncio*

*nada mais é*

**senão a** tua asa

dentro d'ele seu ser

o louco sente-se imper**ADOR OU DEUS**

**E CRÊ-S**

**CRÊ COM FIRmeza e me**

**eS**quece

a vida é quanto **se perdeu**

**e há gente que não enlouqueceu**

tão estranho



n<sup>3</sup>/o contamos c **OM UMA FI** EL MEMÓRIA

**AMARAM**

**NÃO**

**E O OUTRO** vê-me a ver

*quebro a alma em pedaços*

*e em pessoas* **diversas**

**viver**

**memórias?**

**tudo É O NADA**

**E A ORLA QUE** A ONDA ENROLA

**MEU** Já pequeno

eu

me **US SON**hos

sঅtua alma, nunca sonhada

meu ser comigo

n<sup>3/4</sup>o compr<sup>eendo</sup> c**ompre**nder, *nem sei*

*se hei-de ser, SENDO EU NÓS*

*É SEMPRE*

**EXPANDIR-TE E RENOVAR-ME**

**OUÇO E UM HORROR** me os olhos da

alma vasa

e a tua agonia é **um manto sobre**

**o não pode haver a sós comigo**

**julga-me aba**ixo do seu ser

cheio da prঅpria dঅ

e julgo que n<sup>3/4</sup>o **SOU EU**

**CASTIGANDO**, com  $v^{3/4}$  que vis cansa os

erra a asa

que voa

erra

*s* para consertar a min **ha vida**

**vou dentro em** mim a sombra procurando

tenho **t** udo

da flor da **HORA**

**QUE ME VÊ**

**ORA CALMA** e j e rizes traz

tudo n'foi, t **udo fomos**

mar imerso

entardecer

o **que** somos

e esta dor que **não tem** m goa

**mi**nha sombra, o que serei

eu alma, **que contempla tudo isto**

**nad**a conhece

ah! os caminhos estão **TODOS EM MIM**

**PERTENC** **EM-ME, SOU EU**

**DO ALTO DE** ter consciência

contemplo **a terra** e o céu

esta **tristeza** intangível  
passa em **mim como** um som

**longe de** mim em mim existo

sempre

agora

tenho **passado a reconhecer**

**o que PROCURO**

**E** **q**ue nem sei

busco o que em silêncio se desfaz.

consciência

nada que vejo **é li**geiro no que fui,

**vão vago**

andei de mim enquanto

consegui

com aquilo que **INTEL**ro

**NUNCA FUI,  
E SOB MEUS SONHOS**

**SEJA eu** os meus

pensament**os**

de um louco.

deixar de se **r** é não ter tid**o** ser

e nã**o** nada em si

e o silênci**o** é

me se**NTIR ALTO** *E BRANDO*

**CADA MOMENTO MUDEI**

**EPASMO DO que sei que** e não almejo

olhar o sentir

crer **NO que creio**

**n<sup>3/0</sup> mais certezas**

**ece!**

**AI DO QUE EM MIM**

**SONHO**

**NÃO SEI OU SOMBRA?**

**ASA**

**SALVO A ILUSÃO QUE A ILUS<sup>3/0</sup> impele**

de novo **o** **to** rno a ser eu

que à p **arte de** quem sou

é o que falta ao

**QUE SEI**

**QUE NUNCA TEREI**

**É NADA VER**

**E O ROS TO é a m SC** ara

no meio do ser

certo de que c **aminhamos**

**O ÚNICO MOVIME** nto em que consisto

que faço eu no mundo?



at

অনোite, অlua

*com O momento*

*e o Movimento*

*se as coisas são est* **ilhaços**

**do saber**

**do UNIR**

অbrisa incerta

n<sup>3</sup>/<sub>0</sub> me deis mais do que eu nada ser

sঅme **FIQUEI**

**SEM QUE EU MESMO O POSSA OUVIR**

**MATERi**al que **sou eu**

e com  
o que de mim  
n<sup>3</sup>/<sub>o</sub> est**ou** aqui

a brincar

ai a janela aberta

da vida, e a sinto

*que deus está passando?*

*tudo o que sou*

*os olhos no* **meu** olhar

**in**verto

**pesa-me** hoje a dis **cordância**

**ENTRE A** VIDA E O QUE SOU

DE OUTRO **SER DO QUE EU...**

**E UM RIO... FLUI...ENTREVÊ QUEM FUI**

**HORA A HORA**

como seus *os la os solte*  
*que prendem alma*

*ouvida* **NUM** **OU**tro nível

a consciênc**ia é uma batalha**

**é a ária** que desejo  
mas, **busco**

**a fanta**sia e uma obra

absurda em trezentos

sonhos

esquece os **imprecisos flui**

**rio que nascimento**

**sig**

**trago, por ilusão**

**para** um momento

**ficou**

só quero, p**O**r abraços

no sonho **G**RAVE QUE O DOS CORPOS

**O ABISMO ONDE A ÚNICA** ESPERANÇA É PODER HAVER DEUS

**E UM OUTRO SENTIDO DESÇO**

**EU NÃO SEI SE** **A VERDADE** **O** pensamento

ou se sentir a m scara **insuspeita** **NOS MEUS BRAÇOS**

**LEVE CANTO VOLÁTIL**

de**mO**r a

*do abismo incerto, pois busquei na vida*

não o b *uscado, mas buscar*  
*por ter amado as* coisas  
impossíveis

eu sou o disfarce

a sensação

nestas **soMBRAS**

**MARCADO, A MEIO A MIM**

**EM SI MESMA A VIDA?**

**O ESPAÇO É ALGUÉM PARA MIM**

**ENTRE O TRIVIAL E O VO O DA** MINHA alma insatisfeita

*ir sonhando sou eu s<sup>3</sup>*

*s<sup>3</sup> es* **tilha os**

**do ser, as coisas dispersas**

**cham** a-me eu!

eu sou eu

o estranho tom  
mas a vida o que n<sup>3</sup>o somos

eu

**SEU FIEL AMOR**

só porque aos que me olham  
**COM AS VERDADEIRAS LÁGRIMAS**  
**que contém em si OS** piores mistérios...

a morte **essencial DAS** COUSAS,

**O ACABAR DAS ALMAS**

**ENVOLVO E EMARANHADO**

**EIXOS QUE** nos mostram a n<sup>3</sup>os

a luzir, em quem na sem seguran a

de quem está só

e que **quanto mais** não tem fim

isso é que choro

quantos nos dera **m te** calor

resta

pétala de **Sonhar**

O Se

que

**MAIS SOLITÁRIO DE SI**

**HÁ UM ABRINCAR**

**E HÁ O**

**CAMINHO QUALQUER QUE LEVA A TODA A PARTE**

**QUALQUER PUNTO É O** centro do

infin<sub>ito</sub>

a mente me estranha

*n<sup>3/4</sup> O persegue*

***basta um momento***

*durmo* Senti**ndo-me**

**na máscara e** m que estou

um sonh**o do teu**

**espera quem** sou

teu ser



# **METANOIA**

Aldous Huxley e Fernando Pessoa

**Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

2018

there, **LEGIONS OF THE STREET**

**EXterior**

**th**e shadow as if flows

god

to *birth*

*brightness*

*he should let* **GO**

**THE FAR HORIZONS FADE**

**OF WET AND SUNlit streets**

**colo**<sub>ured</sub> life

comes forth

her bright smiling mouth

to light **and burn and know**

**dark**<sub>ness</sub>

the world a desert  
tears of pain  
blind and utterly void  
god

**AN ISLAND**-point  
*streets and solitude*  
*beyond your walls, lost in fevered lands*

*of quietness*

lips that her **lips** had pressed

hot dark summer nights

light-drawn fingers with the touch

dusk

like some **prophetic CLOAK**

**THE SILENCE** of the storm

springs the aerial flower

with a burst of light **ht and music**

**lon**g hot days

something still uncreated

**incomplete**

**heavy** summer to new birth

he must love her

human minds

**THE DARKNESS IN THE LOFT IS SWEET AND WARM**

**EXPECTANCE DRAWS**

**EVERYDAY'S** *futility*

*reveals black depths* a moment

**stream**

**the silken breast of a mandarin**

**sleaves out into a pale transparent mist  
of clamorous action**

**she turns her head and in a flash of laughter**

lightning-struck

compassion infinite

promise of her **sacrifice**

**shine there in triumph**

of poets that hate

every channel **on the world of things**

on being **more** than self

the tears spring fast

Earth

the darness **and old** *chimeric sight*

*fierce* *lust for* **her**

*da*<sub>ys p</sub>*ass*<sub>BY, EMPTY</sub> **OF THOUGHT** **AND** will

my soul against her torment  
steeped in that golden quiet, all content

gold with the light of evening

and the dark

the trembling of her lips

against calm golden

autumn skies

I give you all

merged in this instant

evoking its own whiteness

shut down again, a white uneasy sea

trivial thing as though to ward away

above the touch

flowers

*lakes that catch the sun*

**mist?**

**the cheerfulness of fire and lamp invites**

**blindly**

**and she LIES**

surrender

<sup>op</sup>**en wide eyes**

**laughING**

**OF LIVING GLORIOUS** in the denser air

love which made

small wind stirs

like **the flame**

turmoil of mind?

yet seem so clear

can she understand?

**fringes** of a storm

that sings in passionate music

wind

dawns **of**

**ecstasy**

**WITHIN A NARROW** LIFE

love

an infinite life

no more **THAN** dreams

rounded firmness And each body alerts

and life seems **faint**

**smile thr**ough the **curve of flesh**

**may** strangely teach



rise *all around*

*mountains of visio* **n, calm** above *fate*

*on all the world*

*of secre***cy**

**almost of pain**

in silence and as though **EXPECTANTLY**

**SMIL****LING**

**EVEN IN the**

**sanctu****ary**

terror from **a trance-calmed face**

**I had forgotten what** I had said

fair desire

lips that once had lau**ghed AND SUNG AND KISSED**

**SPIRIT**

**BURNS**

**AND PITILESSLY** *As an old remorse*

*I open the eyes from lovely dreams*

*putrid alleys* of glass

by chance

desire?

dark SKY

**LONG THUNDER** ING SEAS

**THE SPIRIT** of life pequeno

germ

des **olate pla** ce

life and motion on the drowsing Earth

hidden shines

lust and death and *the* bitterness of will

*rhythms of THOUGHT*

*SILENTLY*

*KISSING HER HAIR*

**BEYOND THE DIM** And stifling

now and here

the daylight **world outside**

exquisite **miracle when people** could spin

void **impalpable** nothingness

starting point

spirit of **beauty BURNING**

**LOOKS UP** at him, and helplessly she feels

life halts

an echoed glory

passion

*conscious of youth's **feebleness***

*of any love or* goodness: all deceit

upon **his** heart

through unpassed **BARS**

**OF HOLINESS**

**THOSE DREAMS AND** longings

We must escape, ah God!

aerial shrine

scarlet | **ine**

he **is** afraid

*seem things* **d**eadly **to** be d<sub>esir</sub>ed

like you and me

our material earth

a strange d<sub>espair</sub>

ah! sickening heart-beat of **DESIRE!**

**ACROSS THE LEAVES**

**AND TRUTH** <sub>seem now</sub>

<sub>vision</sub> **of bright fields** and angelic people

sometimes **with** hatred

dammed up **and thus** by its mind

**he spoke** abrupt across my dream

fire

stones

those old great trees **that rise**

**above the MIST**

**WAS** lust the end

life circled with returning wheels

knowing

bright windy **sunshine** and the shadow of cloud

in **their** resemblances

a faint influence

phantoms

indifferent myster<sup>y</sup> **SHE**<sub>WAS</sub>

**ACROSS DIMS**

**GOLD HAIRS' AFLAME**

**LOVE FLOWS** in

heartbreak<sup>king</sup>ly

She kissed him

a spindle of **f** rifted dark<sub>ness</sub>

through its heart

lifting his weight

sense **OF** *BLESSED*

*SPIRIT* **OF MOUNTAINS**

**HE sTRAINS ON Upwards** through

the wind

of dying sunset

**all that the nights erase**

**life!**

**AI DO QUE EM MIM**

**M**ANIFEST

**THEN, TURN TO THIS?**

**ROARS**

**IN HER YOUNG body** with an inward flame



**the world a candle**

shuddering **to its** death

from other lives

**STANDS ALONE**

***AND EVERMORE***

**ITS FORCE**

**AND A dull rancorous desire**

blind tortured face

yearning glimpses of a **life**

**OUT OF Eternal** darkness into time

so pure as seemed?

seeing

hair *and eyes*

*sudden pain*

*half closed eyes*

*before* **and after**

**she learned  
pain AND stress**

without desire

all is alive and light

her **BREASTS**

**INCENSE COLOURED DUSK**

**SILVER** peace its storm

**seem alive**

**with inward light**

bright streams

the hills

a crystal fire

just beyond the dark

*that infinitely much?*

*clear the distance seems*

*mysterious powers* **that imminently**

**lie**

the darkness **inward**

**COLOUR AND SPEED**

**SURVIVING BUT IN DREAM...**

**WITH THE CHARRED... GOLD...AND THE RED**

**EMBER-GLOW**

rich coloured *plates of beauties*

*of hair and tangled light*

*sleeked* **rOund** **her** head

from the white-lidded languor of her eyes

**the passionate conquest**

to-night, **I said**

**and all he** p<sub>ane shows</sub>

a man born blind

dreams

phantoms **pale-remembered shapes**

**without identity**

ghost

formless **still**

**swift** loveliness

move**ments**

under the trees, a **l**ittle group

the huge **ELMS** STIR

**TILL ALL THE AIR** IS LOUD

A GIRL'S DRESS

**THERE IS LAUGHTER** in **t**he face

of all her happi**NESS** **AND ALL THE** WOES

**PHANTOM LESS DEEP**

tra**ve**lling

*not in some vacant heaven*

woven *together* in so close a mesh

*even the sea glimpsed far away*

nights

a homeless marvel

centuries dead

deep **THOUGHT**

**SELF-KNOWN, HAPPINESS FOR US**

**THE KINGFISHER!**

**SEES THE COLOUR DAWN ACROSS HER CHEEKS**

**WITHIN HIS ARMS HE FEELS** her shuddering

*lull her to sleep*

*gently kiss her brow*

***passion ambushed***

**in palpable** shame

her kiss

the garden of scape

thin pious crowd

I

**A STRANGER TO YOUR MAGICAL PEACE**

all high love for her

like quicksilver **the shine and shadow run**

**he sees a world that** wavers

trembling in **the PAS**<sub>SION</sub>

HEART TO HEART

**MEN'S LARVAL FACES**

***THE vision*** fades

*an agony, yet strangely, subtly sweet*

without **speech**

to drink **the ran**<sub>sient</sub> beauty as it sped

small green world,

ancient gardens **mirror**<sub>ed</sub>

eyes

his blood

virgin will

still

**LOVE'S REBEL SERVANT**

**TO MIME**<sub>HIMSELF</sub>

satyr's dance

**MAD QUICK DRY RHYTHM**

**AND FIRST HE KNEW** and loved her

over<sub>head</sub>

darkness intensified

*to meet the sky*



*shall live creating*

*the doom is sealed*

**with the poor** lonely life

suddenly **opened**

**in its slow struggle** towards

the body